

A REGENERAÇÃO

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semedo

AVENÇA

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mês

Propriedade de: Dr. Alberto Teixeira Forte
Comp. e Imp. na Tip. Papeltipo, L.da — Pontão - AvelarDIRECTOR
DR. ALBERTO TEIXEIRA FORTERedacção e Administ. — Rua Dr. Martinho Simões
TELEFONE 4 23 13 — Figueiró dos Vinhos

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA NA SUA PRIMEIRA VISITA AO PORTO

— Cont. do número anterior

Mas é ainda mais necessário que cada um se pergunte o que vai fazer para a construção dum País democrático. Demos passos importantes e irreversíveis.

Mas não podemos ficar na contemplação do presente voltados para o passado. Há que encarar confiada e decididamente o futuro e projectar nele as transformações que é necessário operar, os problemas que urge resolver, os sacrifícios que é preciso fazer.

A política é uma questão que a todos diz respeito, uma responsabilidade que ninguém pode alienar. Saber qual o contributo de cada um para o novo Portugal é um problema que não pode ser iludido, é uma pergunta a que todos temos de dar, em consciência, uma resposta.

Cidadãos conscientes não mais podem assistir indiferentes à degradação da sua cidade; cidadãos conscientes não mais podem permitir a destruição e o abuso dos equipamentos que são de todos; cidadãos conscientes não mais podem aceitar formas de luta que são atentados aos elementares direitos dos demais cidadãos; cidadãos conscientes não podem pactuar com qualquer sabotagem económica mesmo que se disfarce sob a aparência da defesa de interesses dos trabalhadores; cidadãos conscientes não podem permitir a ineficácia e o desmazelo dos serviços públicos; cidadãos conscientes não podem pactuar com a impudência do crime; cidadãos conscientes não podem ficar calados perante a corrupção e a incompetência.

Neste momento que o País atravessa, se alguém não encontrar à sua volta, no local de habitação ou de trabalho nada que deva melhorar, ou não é consciente ou não é português.

É preciso pensar, planificar, organizar, realizar, produzir, não por ciclos históricos, mas em cada minuto. É preciso que a contribuição de cada um para a riqueza colectiva seja amanhã maior do que hoje. É preciso que o número de habitações satis-

fatórias cresça dia a dia, hora a hora. É preciso que a assistência médica e hospitalar seja aperfeiçoada ao nível de cada região, de cada cidade, de cada concelho. É preciso que as condições de vida dos mais desfavorecidos dos mais isolados, dos mais afastados do progresso técnico, social e cultural, melhorem, dia a dia, à custa do esforço de todos nós. Portugal merece.

A Democracia política que se encontra institucionalizada e em progressiva consolidação, há-de ser uma Democracia largamente participada, em que os cidadãos se empenhem diariamente na construção do País novo que todos desejamos; em que ao nível do seu campo de trabalho, da sua esfera de actuação contribuam de modo consciente e decisivo para a solução dos grandes problemas nacionais.

As nossas instituições democráticas não hão-de ser pois apenas formalmente representativas mas, de facto, em cada lugar e em cada momento, deverão constituir a autêntica emanção e expressão da vontade colectiva do povo português. Para que, alcançada a Democracia política, e sempre através dela cheguemos também à Democracia económica, social e cultural: à Democracia real e total que o povo quer e que

Para alcançar tais metas impor-se-á também, nas actuais circunstâncias, uma reflexão sobre aquelas instituições e a necessidade de funcionarem de modo harmónico e coordenado, cada uma cumprindo integralmente os seus objectivos, mas sem os ultrapassar, correspondendo com eficácia ao que dela os portugueses esperam.

Há que cuidar da criação de um clima de paz e concórdia entre os portugueses, que permita a serena e fecunda prossecução das tarefas que neste momento se colocam ao nosso povo. A reconciliação e reconstrução nacionais, num ambiente de tranquilidade cívica e diálogo estimulante, é tarefa essencial de todos os portugueses, a que

(Cont. na pag. 2)

O que se passa no Hospital de Fig. dos Vinhos?

Como oportunamente noticiámos, já no dia 28 de Junho último, tomou posse, para gerir os destinos do Hospital desta Vila, uma Comissão Instaladora. Pois bem.

Tudo levava a crer que tal comissão havia no acto da posse, tomado conta de todos os haveres, das contas e demais elementos referentes à Instituição, cuja administração passaria a estar sob a sua exclusiva responsabilidade.

Pois, parece que tal não sucedera, sendo certo que a comissão administrativa, que fora nomeada «democraticamente» e que vinha gerindo o Hospital anteriormente àquela posse, continua, tem continuado na administração dos respectivos serviços, e agarrada a eles como o «gato ao rato».

Esta, que nem ao Diabo podia lembrar, merece ser encarada por quem de Direito, para que tal situação tão anómala, tenham finalmente o seu termo.

50.º Aniversário de «A Regeneração»

Por ocasião das Bodas de Ouro de A Regeneração, referiram à efeméride em termos os mais amigos, os nossos Colegas Correio de Coimbra, A Comarca de Figueiró dos Vinhos e Notícias de Campelo, endereçando-nos as suas felicitações.

Também nos dirigiram palavras da maior simpatia e estima os nossos assinantes Sr.s Fernando Pires, João Zagarte e outros.

Atodos os nossos melhores e mais penhorantes agradecimentos.

AGRADECIMENTO

A família do falecido Abílio Mendes Ferreira, de Aguda, na impossibilidade de agradecer a todos quantos acompanharam aquele seu ente querido à sua última morada, vêm fazê-lo, por este meio, endereçando a todos os seus mais penhorantes agradecimentos.

Onde vais, Figueiró?

Esta interrogação aflora com mágoa e quotidianamente ao nosso pensamento e sempre que nos chegamos aos ouvidos más novas do despeito que vai progredindo e reinando entre esta boa gente da minha terra.

Julgamos que não interessa ocultar ou simplesmente ignorar a onda de inimizades que está alastrando entre certo número de bons figueiroenses nos últimos tempos, geradas por uma deficiente interpretação da liberdade ideológica de cada um, aproveitada por alguns oportunistas para fins inconfessáveis.

Pôr o dedo na ferida no intuito de a sarar, poderá ser medida plausível em prol da desejável união fraterna de todos os valores humanos deste concelho. Deixar dilatar esse clima de aversão entre homens que antes se entendiam e estimavam, poderá conduzir a ódios que são sempre perniciosos, que não contribuirão para o progresso local.

Em verdadeira democracia terá que haver lugar para todos os homens independentemente das suas convicções políticas e crenças religiosas desde que todos se saibam respeitar mutuamente dentro das liberdades que a Constituição outorgou ao povo português. Só assim seremos dignos do espírito de tolerância que inspirou o deus forma ao Movimento das Forças Armadas eclodido em 25 de Abril de 1974.

Torna-se necessário e indispensável que não nos deixemos enredar em certas teias bem urdidas por hábeis artífices da discórdia divisionista que lançam a pedra escondendo a mão.

Saibamos de uma vez e para sempre compreender na sua essência a secular lenda dos vimes para não nos deixarmos desunir, lutando contra aqueles que tal pretendam.

Não precisamos de abdicar das nossas concepções ideológicas, para dizer não a recriminação das do próximo, só porque não coincidam com as nossas.

Todos unidos poderemos contribuir para iniciativas válidas em prol desta Terra Verde que desejáramos fosse Terra de Esperança e de Paz, e que em tempos ainda recentes conseguimos de-

monstrar essa possibilidade em moldes de verdadeira democracia.

Também a imprensa local, sempre atenta ao interesse regional colectivo, terá uma nobre missão a cumprir na conciliação de todos os figueiroenses. Dentro dessa missão está implícita a recusa de guarida nas suas colunas ao reflexo das actividades contrárias ao bom entendimento entre todos, quando exploradas com fins divisionistas.

Daqui e já, lanço um solene apelo ao bom-senso e à inteligência nunca contestados dos bons figueiroenses: Unano-mos na luta por um Figueiró maior a caminho do progresso. Todos unidos venceremos.

S. P.

Dr. José Francisco

Teve a gentileza, que muito agradecemos, de vir à nossa Redacção apresentar cumprimentos, o nosso bom amigo sr. José Francisco, do lugar de Castanheira-Figueiró, aproveitando a oportunidade de rectificar a direcção do seu familiar sr. Dr. José Francisco, residente no Brasil e actualizar a posição deste nosso prezado assinante. Bem Haja!

Armindo Paquete Nunes

Esteve entre nós, facto que registamos com prazer, o nosso prezado assinante sr. Armindo Paquete Nunes, que se fez acompanhar de sua esposa sr.ª D. Izilda da Costa Paquete Nunes e filhos Eduardo Luís e Luís Filipe. Que da sua estadia venham a usufruir os melhores resultados, são os votos de «A Regeneração».

Sebastião dos S. Guimarães

Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Cecília Cotrim dos S. Guimarães e filha menina Maria José dos S. Guimarães, o nosso prezado assinante, de Coimbra, esteve entre nós durante alguns dias. A Regeneração deseja aos bons amigos muitas felicidades e o melhor proveito das suas merecidas férias.

O Presidente da República na sua primeira visita ao Porto

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

o Presidente da República atribui a mais alta importância e para a qual desenvolverá todos os seus esforços.

É necessário que os cidadãos não se deixem perturbar ou impressionar por quaisquer novos ou velhos fomentadores de divisionismo, arautos de mentiras ou profetas de desgraças; é necessário que a estabilidade seja mantida, em todos os campos e que nesta sociedade em que a liberdade é hoje uma realidade consoladora, a tranquilidade e a segurança sejam igualmente bens de que todos os portugueses possam desfrutar.

Temos uma constituição democrática e avançada que nos honra, elaborada pelos legítimos representantes do povo e que o Presidente da República, eleito por esse mesmo povo, jurou defender num compromisso de honra e de fidelidade à sua Pátria e a si próprio.

Temos uma assembleia da República cuja fundamental acção, estamos certos, saberá cumprir integralmente.

Temos um Governo formado, também de acordo com a nossa lei fundamental, que viu o seu programa aceite pela Assembleia da República.

Temos um Conselho da Revolução que prosseguirá sem desvios os fins que na Constituição lhe estão atribuídos.

Finalmente, em breve teremos órgãos eleitos das autarquias locais, com o que se concluirá a arquitectura democrática das nossas instituições.

Estamos, pois, em boa altura de assumir inteiramente a nossa maioridade cívica e temos criadas as condições para nos habituarmos à normalidade política.

Nesta perspectiva estamos atentos aos que porventura queiram de novo servir-se das Forças Armadas ou de quaisquer dos seus sectores, tentando inclusivê instrumentalizar naturais problemas, resultantes da sua reconversão após uma longa e dolorosa guerra, e transformando-os em factores de estabilização política e oferecendo falsos argumentos aos inimigos da Democracia.

É de justiça reconhecer que as Forças Armadas se têm adaptado com realismo e eficácia ao novo quadro institucional em que se movem e as novas tarefas que lhe cabem numa sociedade em transformação. As Forças Armadas recuperaram a coesão, a operacionalidade e disciplina, dentro de uma linha de comando definida de acordo com a legitimidade da Revolução de 25 de Abril.

A instituição militar tem hoje também a sua função social claramente definida na lei fundamental, em termos adequados ao período de transição que, em alguns aspectos, ainda vivemos. É adequados também ao facto de ter sido o Movimento das Forças Armadas que derru-

bou o regime que durante 48 anos oprimiu o povo português. Tendo tido o poder as Forças Armadas não o guardaram para si; restituíram-no a quem pertence. Ao povo. É de acordo com a vontade desse povo, com a soberania popular expressa em três eleições livres que actuam e actuarão em todas as circunstâncias.

Desta forma, as Forças Armadas que têm no Presidente da República eleito o seu comandante supremo e no Conselho da Revolução a sua expressão política, não poderão nunca mais ser instrumento de subversão, alvo a que se atiram todas as culpas, ou pretexto para justificar a inoperância de outros órgãos de poder ou outros sectores da vida nacional.

Vamos entrar em breve em mais um período eleitoral que completará o quadro das instituições democráticas com a legitimação dos órgãos de poder local.

A situação real do país não é compatível com a marcação de mais um compasso de espera na resolução dos problemas de fundo. A vida continua. E o povo português já demonstrou uma maturidade política que não aceitará uma paralisação do país na expectativa do resultado dessas eleições.

A vida política local não é uma redução à escala do espectro político nacional. A personalidade dos candidatos e o conhecimento directo que deles têm os eleitores assumem particular importância.

Dos partidos se espera o ajustamento da sua prática política por forma a não fomentar nessas comunidades as clivagens e a divisão, tão contrárias à natural fraternidade e convivência que são dos valores mais altos da nossa prática social.

Ao presidente da República não compete a condução directa da política geral do país nem a orientação da administração pública.

Não pode contudo ficar indiferente aos problemas mais prementes que afligem o dia a dia e corroem a esperança do povo português.

Faça às carências em vários sectores, como a saúde e a habitação, o povo português com razão se interroga sobre a legitimidade em se atribuir à Imprensa importâncias que dariam para a construção de vários hospitais e de milhares de habitações sociais.

As populações rurais a quem falta quase tudo, por certo não aceitarão pagar por mais tempo os déficits de certas empresas nacionalizadas.

A multidão dos desempregados dificilmente compreenderá que se prolongue o desvio para a manutenção de empresas inviáveis dos fundos necessários à criação de novos postos de trabalho e actividades rentáveis.

A Reforma Agrária é uma necessidade que ninguém pode pôr honestamente em cau-

sa. Todavia, não se pode ocultar que entre os seus inimigos estão os erros e excessos que continuam por corrigir.

Aguarda-se com ansiedade e esperança a reabertura das escolas. Espera-se que reabram; que reabrindo funcionem; que funcionando, funcionem com professores devidamente qualificados; que nelas se respeite o passado e se prepare o futuro. Os analfabetos que em parte as pagam não admitem que nelas se esbanje o seu suor.

Professores, estudantes, pais, educadores — tendem nas vossas mãos uma enorme responsabilidade que tem por nome futuro. Há que estabelecer um pacto escolar que honre as vossas responsabilidades e responda às exigências do país.

Sobre o lamentável quadro do que foi nos últimos tempos o Ensino em Portugal o povo português só tem uma palavra: não.

Comungo com os reformados e pensionistas as angústias da sua situação e as esperanças nas medidas que o Governo prepara dentro das reais possibilidades do país. Compreendemos a impaciência daqueles a quem o horizonte da vida encurta a esperança. A sua experiência levá-los-á a regeitar a instrumentalização em favor de quantos delapidaram na demagogia os meios de que o país dispunha para concretizar as metas da revolução.

Portugueses: o caminho sério para os objectivos que a Constituição define passa antes de mais pela resolução concreta destes e de outros grandes problemas e grandes carências dos mais desprotegidos ou explorados.

Se vos transmito algumas das preocupações que me acompanham é porque tendo que foi com base na verdade e com consciência das realidades que depositamos a esperança no Governo constitucional.

Não é justo que procure transferir para outros órgãos de soberania a solução de problemas de âmbito governativo, visando assim minar o prestígio e a confiança no Governo que a Assembleia da República confirmou.

É preciso estar atento para não cair nos erros dum passado recente. O povo na sua maioria não está disposto a pagar os enganos dos que se esquecem que não há ciéntelas, há um país que cada um tem o direito de sentir seu.

Homens do Norte.

Cidadãos do Porto.

A Constituição aponta para a criação de regiões e define os seus órgãos. O Norte é de há muito uma indiscutível realidade geográfica económica e social que um modelo de Estado centralizado contrariou e distorceu. O texto constitucional transformou em promessa a esperança que persistia apesar de algumas medidas terem prosseguido na amputação da autonomia de actividades

aqui instaladas em benefício dum gigantismo de efeitos duvidosos.

Esperemos pois que a realidade que o Norte é, encontre em breve a sua tradução legal. Mas, terão que ser repudiadas as tentativas de qualificação geográfica da maior ou menor democracia e patriotismo desta ou daquela região. Sabendo respeitar a caracterização regional seremos um único Povo e um único País.

Portugueses:

Cada um de nós tem com o seu país e com o seu povo um compromisso que tem de honrar.

Em democracia não há lugar para a demissão.

Compete a cada um responder pelas suas responsabilidades.

É tempo de ultrapassar a discussão ideológica dos problemas concretos.

É tempo de descobrir o que nos une.

É tempo de respeitar o que nos distingue.

É tempo de construir o que nos aproxima.

É tempo de trabalhar.

Desta antiga, mui nobre, sempre leal e invicta Cidade do Porto, o presidente da República reafirma ao povo que o elegeu que a Democracia será intransigentemente defendida, que não há mais lugar para o golpismo, qualquer que ele seja, que as metas e os caminhos que os portugueses escolheram serão respeitados e cumpridos.

Desta Capital do Norte, da Liberdade e do Trabalho, deste Porto que «houve nome de Portugal», apelo para que o povo português se saiba unir e empenhar na construção de um futuro de dignidade e justiça.

Temos com este país um compromisso que é um desafio: Oito séculos de História, esperam a nossa resposta.

Viva Portugal.

Emissão Comemorativa do 1.º Centenário

(Cont. da Pág. 4)

nhos dos três selos desta emissão foram seleccionados em concurso público aberto pelos CTT, com o patrocínio daquele Instituto de Crédito, tendo o Júri atribuído o primeiro prémio ao trabalho apresentado por Álvaro Jesus Mendes.

Para possibilitar ao público, nomeadamente os filatelistas, a visão global dos numerosos conjuntos apresentados a concurso, a Caixa Geral de Depósitos vai realizar uma exposição de todos os desenhos originais na sua dependência da Rua do Ouro n.º 49, com início em 25 de Outubro, e no horário das 9,00 às 12,00 e das 14,00 às 15,30 horas.

Durante os primeiros dias da referida mostra será posto à disposição dos interessados, a título gratuito, um desdobrável ilustrado concebido especialmente para servir como suporte a uma peça do 1.º dia, bastante original desde que nele sejam afixados os selos que começarão a circular em 29 de Outubro (3\$00, 7\$00 e 15\$00), devidamente obliterados com um dos carimbos especiais realizados para o efeito.

Recorda-se que a aposição desses carimbos e a venda dos selos comemorativos do 1.º Centenário da Caixa Geral de Depósitos, se realizará em 29 de Outubro de 1977 nos seguintes locais:

LISBOA - Repartição de Filatelia, Rua Alves Redol, 9
PORTO - Estação do Correio do Município

COIMBRA - Estação do Correio de Coimbra, ao Mercado

FUNCHAL - Estação do Correio do Funchal, Madeira

Assine este JORNAL

A TENDINHA

O estabelecimento modelar de RESTAURANTE, CERVEJARIA e CAFÉ, onde se servem os melhores, mais variados petiscos e refeições aos preços mais populares.

Combine os seus encontros na TENDINHA onde sentir-se-á bem e ao nível de esmerado serviço, sua exigência e melhor economia.

TENDINHA para o seu convívio, na

Rua Dr. José Martinho Simões

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MANUEL ALVES DA PIEDADE

DELEGADO DE SAÚDE

CLÍNICA GERAL

CONSULTAS TODOS OS DIAS

TELEF. 42418

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Notariado Português

Cartório Notarial do concelho de Figueiró dos Vinhos a cargo da Notária Licenciada Marta Maria Ferreira Agria Forte:

CERTIFICO narrativa para efeito de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas número B-1, de fls. 49/v. a fls. 51, se encontra exarada uma escritura de Justificação Notarial com data de 8 de Outubro do ano corrente, na qual os Senhores Drs. Alberto Teixeira Forte e esposa D. Maria Henriqueta Ferreira da Costa Agria Teixeira Forte, casados no regime de comunhão geral de bens, naturais, ele da freguesia de Chão de Couce concelho de Ansião e ela da freguesia e concelho de Figueiró dos Vinhos, nesta vila habitualmente residentes, e Amílcar Eugénio Ferreira da Costa Agria e esposa D. Armanda de Almeida Pereira Godet F. Agria, casados no mesmo regime de bens, ele natural da freguesia e concelho de Figueiró dos Vinhos e ela natural da freguesia de Moimenta da Serra, concelho de Gouveia, habitualmente residentes na cidade de Coimbra, na Rua Tenente Valadim, n.º 30, se declaram, com exclusão de outrém, donos e legítimos possuidores do prédio seguinte:

«Terreno de cultura com trinta e uma oliveiras, dois citrinos e quarenta videiras em cordão, sito à «Horta da Cancela», freguesia de Figueiró dos Vinhos, que confronta do norte com João Antunes, sul com o ribeiro, nascente com a estrada nacional e poente com caminho; inscrito na matriz respectiva em nome dos Justificantes maridos, sob o artigo treze mil duzentos e sessenta e dois, com o valor matricial de treze mil trezentos e vinte escudos, e omisso na Conservatória do Registo Predial desta comarca, e ao qual atribuem o valor de quinze mil escudos».

Mais certifico que o referido prédio veio à posse dos Justificantes por lhes ter sido doada a sua propriedade por Aurea dos Milagres da Costa Agria, solteira, maior, natural e residente nesta vila de Figueiró dos Vinhos, conforme escritura de vinte e dois de Maio de mil novecentos e setenta e cinco, exarada de folhas trinta e duas verso a folhas trinta e quatro verso do livro de notas para escrituras diversas número duzentos e sessenta e seis do Cartório Notarial de Pedrógão Grande e por haverem comprado pelo preço de mil e quinhentos escudos o usufructo do mesmo prédio à referida Aurea dos Milagres da Costa Agria por escritura de um de Outubro corrente exarada de folhas quarenta e três verso a folhas quarenta e quatro verso do livro de notas B-um, deste Cartório.

Que, por sua vez, a dita Aurea dos Milagres da Costa Agria, adquiriu o dito prédio por doação que lhe fizeram seus pais Manuel Luís Agria Junior e mulher Maria Adelaide da Costa Agria, naturais e residentes que foram nesta vila de Figueiró dos Vinhos por escritura autorizada no ano de mil novecentos e vinte e um, mas que apesar de todos os esforços dos ora justificantes não foi possível localizar o Cartório Notarial onde foi lavrada.

Que desde essa data de mil novecentos e vinte e um e até ao presente o referido prédio foi possuído pública e pacífica, continuamente e sem qualquer oposição por aquela Aurea dos Milagres da Costa Agria.

Que nestas circunstâncias estão eles justificantes impossibilitados de comprovar pelos meios extrajudiciais normais a referida transmissão para efeitos de promover o registo na Conservatória do Registo Predial, a seu favor do referido prédio.

Está conforme.

Cartório Notarial de Figueiró dos Vinhos, aos catorze de Outubro de mil novecentos e setenta e seis.

O Ajudante do Cartório.

Carlos Augusto C. Santos

Dois mortos no patamar de uma Adega

Na manhã do dia 3 do corrente a Vila de Figueiró dos Vinhos foi rudemente atingida por um golpe de dor que a consternou profundamente — João Rui Gomes dos Santos Oliveira, de 16 anos de idade (completava 17 no próximo mês) filho de D. Maria das Dores Antunes Gomes e de Horácio dos Santos Oliveira nosso estimado amigo e assinante e Mário Godinho, de 63 anos de idade casado com D. Maria Adelaide de Jesus — encontraram a morte num balseiro. O triste acontecimento ocorreu na adega de Horácio dos Santos Oliveira, ao Ribeiro Travesso, subúrbios da Vila.

Dava-se por vezes entre o proprietário Horácio Oliveira e Mário Godinho, a permuta de serviços. Naquela trágica manhã, procedia-se na adega do primeiro a trabalhos de produção. Horácio de Oliveira, pessoa há bastante tempo doente reumatismal que se move dificilmente, auxiliado por moletas, assistia sentado numa cadeira, a trabalhos a que procedia o infeliz Mário Godinho sobre o patamar. Em determinado momento caiu ao balseiro. Horácio Oliveira, impossibilitado de movimentos gritou por socorro, tendo algum tempo depois sido apercebido por seu filho João Rui que em acto decidido de salvamento desceu ao balseiro e se debruçou para atingir a vítima, tendo sido visto a afundar-se no bagulho, pre-

sume-se que puxado pelo companheiro. Outras pessoas apareceram alarmadas pelos gritos insistentes e aflitos de Horácio Oliveira, uma das quais se aproximou das vítimas, tendo porém recuado quando se viu atacado pelos gases que se desenvolviam, ao mesmo tempo que se verificava a não existência de movimentos no bagulho. Entretanto chamados os bombeiros a cuja Corporação pertencia o infeliz João Rui, apresentaram-se imediatamente com seu material anti-gás, procedendo à remoção dos cadáveres com a presença do Dr. Manuel da Piedade, Delegado de Saúde local. A solidariedade heróica de um moço de 16 anos perfeitamente integrado no dever de salvar uma vida, arriscou e perdeu a sua.

No dia seguinte, em cortejo comovedor lia-se em cada somblante, a caminho do Cemitério, a desolação da tragédia. A passagem pelo Quartel dos Bombeiros Voluntários de Figueiró foi ali prestada homenagem de um minuto de silêncio assistido do Varandim pela Direcção da Corporação, ouvindo-se durante todo o percurso o som triste e abafado da sirene como que a comunicar à população a despedida de um chefe de família e de um jovem mal sucedido no acto heróico a que se lançou.

Participaram no funeral os Bombeiros Voluntários de Pedrógão Grande, Castanheira de Pera, Ansião, Alvaiázere e Pombal, com seus estandartes e veículos, dando ao acto o significado piedoso que calou profundamente em quantos nele se incorporaram. Figueiró prestou a sua colectiva homenagem.

O inditoso Mário Godinho deixa 2 filhos, Armando de Jesus S. Godinho, solteiro, agente comercial e D. Maria Isabel de Jesus S. Godinho casada com José Ventura, residentes em França.

A Regeneração associa-se à dor das inconsoláveis famílias das vítimas.

AUGUSTO JOSÉ

Faleceu no passado dia 13, com 73 anos de idade, na sua residência, Augusto José, que há bastante tempo se encontrava enfermo. Deixa viúva sr.ª D. Matilde Alves e filhos sr.s Fernando José ex-funcionário dos Caminhos de Ferro de Moçambique casado com D. Georgete Abreu Alves José e D. Maria de Lurdes Alves dos Santos casada com José dos Santos residentes em Lisboa, D. Maria Helena Mateus casada com Artur Mateus, nosso estimado assinante e cinco netos Carla Marina e Susana Maria, aquela estudante universitária na cidade do Porto e esta liceal na nossa terra, D. Isabel Maria Mateus Videira casada com José Castro Videira, Luís Filipe dos Santos casado com D. Maria Antonieta dos Santos, José Manuel Alves dos Santos casado com Lurdes dos Santos e bisnetos Fernando Paulo e João Alexandre.

O seu funeral realizou-se no dia seguinte para o Cemitério de Figueiró, no qual se incorporou grande número de pessoas em manifestação compacta de sentimento.

A Regeneração acompanha as famílias de luto, na sua dor.

ACESSÓRIOS ÓLEOS
BATERIAS
Serviço de Pronto Socorro

Agentes dos Pneus:
MABOR, MICHELIN,
FIRESTONE e DUNLOP

REPARAÇÕES MECÂNICAS

— DE —

Joaquim António & Arlindo Mendes Serra, Lda
SERRADA DA MATA — CHÃO DE COUCE

TELEFONE 3 22 41

Saques Bancários: Recibos à cobrança:
Serrada da Mata - Avelar Serrada da Mata - C. de Couce

J. Salgueiro Alves

ADVOGADO

Telef. 42483

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Marta Maria Agria Forte

ADVOGADA

Telef. 4 24 89

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MANUEL DOMINGUES

Vidraça, Drogas, Óleos, Tintas, Vernizes, Camas, Lavatórios, Colchões de palha e arame, Móveis completas e Móveis avulso, Louças de ferro esmalte e alumínio, Pregaria, Folha de Flandres, redes e arames, Cimentos «Pataias» e «Liz», Cal Hidráulica «Martingança», Tubagem de fibrocimento Galvanizados

TELEF. 4 23 15

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

CUNHA & RAMOS, LDA.

Móveis em madeira e metálicos

Oficina de Marcenaria

Tapeçarias, Estofos e Decorações

— + — + —

TELEFONE 4 22 64

R. Dr. Manuel Simões Barreiros — FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PETISCOS

— EM —

Figueiró dos Vinhos

Sob a gerência do experimentado industrial do género em Africa, funciona em frente da igreja Matriz um estabelecimento que apresenta os melhores vinhos da região, variados acompanhamentos e a especialidade "OSSOS" que incentivam uma visita, sem a qual o seu programa, estimado cliente, não fica completo. Presuntos, enchidos e queijo da serra, ornamentam o teto da afamada casa, abrindo o apetite às apreciadas especialidades.

FRANKLIM DOS SANTOS GODINHO

Telefone 4 24 60

CASAMENTOS

Realizaram o seu casamento na Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos:

Em 12 de Setembro:

Maria de Fátima Marques Francisco, de Alge-Campelo, filha de D. Ilda Maria Marques e de Manuel Francisco, com Armindo de Jesus Varandas, filho de D. Maria de Jesus Varandas e de Mário Marques Varandas.

Tiveram como padrinhos, respectivamente, D. Angelina Henriques e seu marido sr. Cesário da Conceição Henriques e D. Glória da Encarnação Tavares Pereira e seu marido sr. António Ferreira Lourenço.

Após a cerimónia, teve lugar a festa no SOLAR.

— Maria Isabel Mendes, de Aldeia da Cruz, filha de D. Izilda da Silva Jorge e de Manuel de Jesus Mendes, com Sílvio Coelho Godinho, filho de D. Joaquina da Conceição e de Joaquim C. Godinho.

Foram padrinhos da noiva D. Maria Mendes Lopes e seu marido sr. Tenente Manuel António Lopes e do noivo sua Mãe D. Zamira Simões e o sr. Ramiro Simões. Seguiu-se a festa em casa dos pais da noiva em Aldeia da Cruz.

Em 26:

Cecília Antunes Simões, de Agria Grande, filha de D. Florência Antunes e de Ramiro Simões, com José Saraiva Rosinha, filho de D. Fernanda Saraiva e de Manuel Godinho da Silva (já falecido).

Tiveram como padrinhos, respectivamente, D. Cecília do Carmo Simões e seu marido sr. Silvério Antunes Simões e D. Maria Emília S. G. dos Santos e seu marido sr. Fernando Henrique P. dos Santos. A festa teve lugar em casa dos Pais da noiva.

Em 3 do corrente:

Cidalina Almeida Martins, de Forno Telheiro, filha de D. Amélia Rodrigues Almeida e de Manuel Martins e Silva, com Albino da Silva, filho de D. Lucília da Silva e de António da Silva (já falecido).

Foram padrinhos da noiva D. Olinda de Almeida e seu marido sr. Adelino Almeida e do noivo D. Júlia Gomes Martins e seu marido sr. Manuel da Conceição Martins.

A festa teve lugar em casa da Mãe do noivo.

A Regeneração felicita os noivos e faz votos para que lhes estejam reservadas as maiores venturas.

Pagamento de Assinaturas

Satisfizeram o pagamento das suas assinaturas com grande margem de adiantamento os nossos estimados assinantes e amigos:

Manuel Lopes da Silva Martins residente em França, por intermédio de seu sogro sr. João Martins da Silva de Forno Telheiro; Maria Celeste David Campos, relativamente a seu saudoso irmão João David Campos — Figueiró; Henrique Pereira Martins, de Lisboa por intermédio de seu pai sr. João Pereira Mendes; Maviel Rodrigues Lourenço, residente em França e José da Conceição dos Santos-Johannesburg por intermédio do sr. Gervásio Luís também nosso prezado assinante; José Abreu Arinto-Santo Amador, Moura, por intermédio de seu irmão sr. António S. Arinto. Por cheque, actualizou igualmente a sua assinatura o nosso estimado amigo sr. João Zagarte Nunes, residente em Montemor-o-Novo.

A todos, a expressão sincera do nosso reconhecimento.

Maria Farinha Medeiros

A fim de ser submetida a intervenção cirúrgica, encontra-se internada no Hospital da Universidade, em Coimbra, D. Maria Farinha Medeiros, esposa do nosso amigo sr. José Mendes Medeiros, industrial de alfaiataria na nossa terra, Mãe dos conhecidos desportistas Eurico e Inácio Farinha Medeiros, aquele nosso camarada de trabalho e de Maria Isabel Farinha Medeiros.

A Regeneração, augura muito sinceramente, os melhores êxitos à paciente e o regresso breve ao seu lar.

Cruzamento das Chãs

Voltamos ao assunto da quele pequeno «bocado» ainda a aguardar reparação, desta vez para lamentar que tenha sido ali colocada «sarrisca» a querer induzir q em breve tempo será arrumado o que há tanto se encontra como que na bicha de concretização a esperar um perigoso desastre. O caso faz-nos lembrar o hábito que por vezes se verifica em certas pensões e restaurantes que têm por uso, quando a comida não está preparada, entreterem os comensais com a garrafa de vinho, depois quando Deus quer vem o pão, depois a manteiga, o azeite etc. e quando a mesa está vazia, chega a famigerada hortaliça com peixe cozido.

E, a seguir às tão necessárias providências, será igualmente providente, a retirada do poste de iluminação no centro e em sua substituição o ponto de luz suspenso, permitindo assim maior aproveitamento da estrada e menos susceptibilidade de colisões.

BAPTIZADOS

Receberam o Santo Sacramento do Baptismo, na Igreja Matriz:

No dia 12 de Setembro:

Susana Maria, de Casal de Santarém, filha de D. Graçinda da Conceição Nunes e de João da Piedade Leal. Teve como padrinhos D. Laura Leitão e seu marido sr. Manuel Leitão.

— Cristina Isabel dos Santos Diniz, de Lavandeira, filha de D. Conceição Carvalho S. Diniz e de João Diniz Pereira. Serviram de padrinhos D. Rosa Diniz P. dos Santos e seu marido sr. João Carvalho dos Santos.

No dia 19:

Carlos Manuel Ingrês Soares, de Ribeira de S. Pedro, filho de D. Iria José Ingrês e de Carlos Soares. Teve como padrinhos D. Lucinda Ferreira e o sr. Mário A. Possidónio da Silva.

No dia 10 do corrente:

Brizida Sofia dos Santos Godinho, de Colmeal, filha de D. Lucinda da Conceição Santos Godinho e de José Manuel da Silva Godinho. Parainfaram o acto D. Graçinda de Jesus Ferreira e o avô paterno sr. Alfredo de Jesus Godinho residentes em Juncais de Baixo-Tomar.

— Paulo Sérgio Pimenta da Silva, de Figueiró, filho de D. Idalina Pimenta N. Silva e de Manuel Carlos da C. Silva. Serviram de padrinhos D. Maria Isabel da S. D. Simões e o sr. António da Conceição Santos.

No dia 26:

Pedro Miguel Mendes da Silva, filho de D. Cecília da Piedade Mendes e de Pedro Manuel da S. Santos. Teve como padrinhos D. Lídia Godinho do C. A. Santos e o sr. António da Conceição Santos.

A Regeneração felicita os Pais e deseja aos Bébésinhos as maiores felicidades.

Rectificação da E. N. de Fig. dos Vinhos à Bouçã

A Junta Autónoma de Estradas fez um projecto de rectificações à Estrada Nacional que conduz à Bouçã, tendo há mais de um ano a esta parte concretizado apenas, obras desde a Vila ao cruzamento para Vale do Rio continuando o resto em premente necessidade, sujeito ao aumento de trânsito que vem a verificar-se.

As curvas ao Cerejal (frente à entrada para a Colónia de Férias do BNU até cento e poucos metros) constituem perigo eminente, por autênticas gargantas que são à espera da presa de uma colisão assustadora.

Achamos que ultrapassou já o tempo necessário para que as obras continuem e não lhes chamemos de Santa Engrácia, ao mesmo tempo prevenindo e não remediando.

Em gozo de Férias

António P. Cunha

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção o nosso estimado assinante António Pimenta Cunha, das Bairradas, residente em Carnaxide, o qual vinha acompanhado de sua Esposa D. Adelina Vitorino Cunha e filhito. Tendo regressado à sua actividade, desejamos-lhes os melhores resultados no repouso e convívio com seus familiares e felicidades futuras.

João Dias Graça

Acompanhado de sua Esposa D. Maria Luiza Graça, veio a Figueiró gozar merecidas férias o nosso prezado assinante sr. João Dias Graça, residente em Lisboa, funcionário superior da Direcção Geral de Estatística, do Ministério, a quem desejamos tenha correspondido necessário repouso por forma a enfrentar novos períodos de trabalho. Gratos pelo convívio.

Mirita L. Moreira

Mais uma vez recebemos cumprimentos que retribuimos e muito agradecemos da nossa estimada assinante D. Mirita Libório Miera e seu Marido, residentes na Amadora, durante o período de férias que vieram gozar à nossa terra, que auguramos lhes sejam muito úteis.

Artur da Silva Tomás

Tivemos o prazer da visita à nossa Redacção, que muito agradecemos, do nosso excelente amigo e estimado assinante sr. Artur da S. Tomás acompanhado de sua esposa sr.ª D. Isaura de Jesus Tomás, residentes em Lisboa. O simpático casal fez o seu período de repouso com seus familiares, em Agria Grande. Auguramos-lhes óptimos efeitos pela sua estadia na nossa e sua terra.

Emissão Comemorativa do 1.º Centenário

N.º 6 de 9 de Outubro de 76

Dentro do programa de celebrações do 1.º Centenário da Caixa Geral de Depósitos, e em que a Filatelia tem desempenhado papel relevante, vai ser posta em circulação no dia 29 de Outubro de 1976 a emissão comemorativa em epígrafe.

Esta emissão é lançada em data tanto quanto possível próxima do Dia Mundial da Poupança (31 de Outubro), que a Caixa Geral de Depósitos celebra anualmente, sob a égide do Instituto Internacional das Caixas Económicas.

Conforme foi oportunamente anunciado, os dese-

(Cont. na pág. n.º 2)

De AGUDA Porque não Carne Congelada

No dia 25 de Setembro último faleceu nesta localidade onde residia o Sr. Abílio Mendes Ferreira, que contava 72 anos de idade.

O falecido, que era pessoa muito estimada em toda a freguesia, deixa viúva D. Emília Lopes Ferreira e era pai de D. Celeste Ferreira Lopes, casada com Benjamin da Conceição Lopes, actualmente residente em Lourenço Marques, de David Lopes Ferreira, casado com D. Natália Lopes Ferreira e de D. Graçinda Augusta L. Ferreira Mendes, casada com o nosso prezado amigo e assinante Mário Mendes, estes últimos moradores em Aguda.

O funeral que teve lugar no dia seguinte para o cemitério daquela freguesia, constituiu uma expressiva manifestação de pesar.

A Regeneração apresenta a toda a família de luto, sentidas condolências.

Amorim Vicente

Esteve entre nós em gozo de férias o nosso estimado assinante sr. Amorim Vicente, residente em Lisboa, acompanhado de sua Esposa e filhas. Auguramos à simpática família os melhores resultados pelo repouso que escolheram e, sinceramente, longa vida cheia de felicidades.

Há quem não «goste» de carnes congeladas e mesmo peixe. Contudo vende-se com abundância peixe, certo é que entrou no hábito ou necessidade. Temos que concordar que as circunstâncias actuais de vida não são de molde a preferências e podendo-se minorar encargos de primeira necessidade principalmente entre famílias com menos poder de compra, essa necessidade obriga — é um adágio antigo — recorrer à permuta do gosto pela utilidade.

O bife de vaca custa por cá 130\$00 cada quilo, a carne de guisar 70\$00 e 100\$00 e de estufar 130\$00.

Em Lisboa e citamos a Capital por conhecimento de causa, a carne para bife, congelada custa 100\$00 e a guisar 36\$00 que também muita gente utiliza para estufar.

Desde que se vendesse em Figueiró dos Vinhos carne congelada e o «benemérito» vendedor a fornecesse naquela equivalência, teríamos a nossa economia de parabéns e os pobres, que não podem ter preferências — uma ajudazinha para o seu agregado familiar.

MAS, e este «mas» pode ser doloroso para o consumidor e «maravilha» para o vendedor, se este se lembra da... exploração substituída por palavras doces «negócio», teremos o caso de «pior a emenda que o soneto»!